

Reflexões sobre o Acontecimento Apropriador (*Ereignis*)

Reflections on the Event (Ereignis)

Oswaldo Giacoia Junior¹

Em homenagem ao amigo Marcos Lutz-Müller (in memoriam)

Resumo: O objetivo principal do presente artigo consiste numa interpretação do conceito de *Ereignis* (Acontecimento Apropriador) na obra de Martin Heidegger, explicitando aspectos centrais da modificação produzida no desenvolvimento dessa obra pelo movimento conhecido como *Kehre* (vira-volta), que implica na transição da ontologia fundamental ou analítica da finitude para o pensamento da verdade do Ser.

Palavras-chave: Metafísica; Ontologia; Temporalidade; História; Finitude.

Abstract: The main aim of this article consists in an interpretation of the concept of *Ereignis* (Event) in the work of Martin Heidegger, explaining central aspects of the modification produced in the development of this work by the movement known as *Kehre* (turn-around), which implies the transition from the fundamental ontology or analytics of the finitude for the thought of the truth of Being.

Keywords: metaphysics, ontology, temporality, history, finitude.

1. Esclarecimento Inicial: Esquema do Projeto Global de *Ser e Tempo*

Primeira Parte: A Explicação do Ser-O-Aí a partir da temporalidade (*Zeitlichkeit*) e a explicação do tempo como horizonte transcendental da pergunta pelo Ser.

Dividida em três subcapítulos:

- 1) Análise fundamental preparatória do Ser-O-Aí.
- 2) Ser-O-Aí e Temporalidade.
- 3) Tempo e Ser.

Segunda Parte: Lineamentos Fundamentais de uma Desconstrução Fenomenológica da História da Ontologia, ao Fio Condutor da Problemática da Temporalidade (*Temporalität*).

Também dividida em três subcapítulos:

¹ Departamento de Filosofia. IFCH/Unicamp. PUCPR. E-mail: ogiacoia@hotmail.com.

- 1) A Doutrina de Kant do Esquematismo do Tempo como Degrau Preparatório para uma Problemática da Temporalidade (*Temporalität*).
- 2) O Fundamento Ontológico do “*cogito sum*” de Descartes e a Recepção da Ontologia Medieval na Problemática da “*res cogitans*”.
- 3) O Tratado de Aristóteles sobre o Tempo como Discriminante das Bases Fenomenais e das Fronteiras da Ontologia Antiga.

A Obra Publicada consiste em:

INTRODUÇÃO: Exposição da Pergunta pelo Sentido do Ser (§§ 1-8).

Primeiro Capítulo: (§§ 1-4): Necessidade, Estrutura e Precedência da Questão-do-ser.

Segundo Capítulo: (§§ 5-8): A Dupla Tarefa na Elaboração da Questão-do-Ser. O Método da Investigação e seu Plano.

PRIMEIRA PARTE: A Interpretação do Dasein referida à Temporalidade e a Explicação do Tempo como Horizonte Transcendental da Pergunta pelo Ser.

PRIMEIRA SEÇÃO: Análise-Fundamental Preparatória do Dasein.

SEGUNDA SEÇÃO: Dasein e Temporalidade (*Zeitlichkeit*).

2. **Discussão**

Uma comparação entre a estrutura projetada para o plano completo de um tratado filosófico que portaria o título *Ser e Tempo* com a execução do projeto – a saber, com o texto que serviu de base para a efetiva publicação da obra em 1927 – permite formar uma ideia clara tanto do caráter fragmentário dessa obra quanto do alcance da interrupção do projeto. Isso justifica o modo de sua apresentação por Fausto Castilho, em sua tradução para o português de *Ser e Tempo*, como a primeira parte incompleta de um tratado concebido para abranger duas grandes partes.

A sugerida comparação permite também compreender melhor um dos aspectos mais importantes da vira-volta (*Kehre*) do primeiro para o segundo Heidegger: a transição de *Ser e Tempo* para *Tempo e Ser*, no horizonte da qual situa-se o pensamento

do *Ereignis*, assim como os *Beiträge zur Philosophie*². Como minha intervenção se propõe a abordar essa relevante inflexão, serve-me de ajuda retomar considerações feitas por Heidegger em prefácios ou posfácios para reedições de obras anteriormente publicadas, bem como retomar autocríticas de pensamentos já desenvolvidos em suas preleções ou publicações, pois oferecem a possibilidade de iluminar os trajetos de pensamento que prepararam e levaram à consumação da transição.

Por exemplo, na quarta edição (1943) de *O que é Metafísica?* (1929)³, no posfácio a este escrito, Heidegger modifica o entendimento expresso em *Ser e Tempo*, de acordo com o qual o Ser nunca vige sem o ente, e escreve então, em 1943: sem o Ser, cuja essência abissal nos é desvelada pelo Nada na disposição fundamental da Angústia, todo ente permaneceria na ausência de ser (*Seinslosigkeit*). “Só que também esta (*Seinslosigkeit*, OGJ.), enquanto abandono do Ser (*Seinsverlassenheit*), de novo não é um Nada nadificante (*nichtiges Nichts*), uma vez que pertence à verdade do Ser que o Ser bem que vige (*wohl West*) sem o ente, porém jamais um ente é sem o Ser” (Heidegger, 1978, p. 304).

Essa radicalidade da experiência do Ser em sua diferença relativamente ao ente é repetida em *Zur Seinsfrage (Para a Pergunta sobre o Ser)*, de 1955, um texto no qual Heidegger escreve, de maneira incisiva, que o ente é totalmente outro (das “*ganz Andere*”) que o Ser: “O ser-O-Aí do homem é mantido ‘nesse’ Nada, no totalmente outro do ente”⁴ (Heidegger, 1978, p. 419). É em ligação com essa compreensão que adquire sentido a célebre frase: “O homem é o lugar tenente do Nada”⁵ (Heidegger, 1978, p. 118).

Já no posfácio a *O que é Metafísica?*, dessa vez retornando à posição já expressa em *Ser e Tempo*, a mesma frase – anteriormente transcrita – é fundamentalmente modificada, passando a ter a seguinte formulação: “[...] que o Ser nunca vige sem o ente, que jamais, porém, um ente é sem o Ser”⁶ (Heidegger, 1978, p. 118).

A vivência desse espanto, a saber, a experiência (*Erfahrung*) do Ser como *totalmente outro*, que não é nenhuma característica ou propriedade do ente, menos ainda

2 Proveniente do período entre 1936-1938, publicado na *Gesamtausgabe (Obras Completas)* volume 65 (1989).

3 Publicada em 1943 com um posfácio (*Nachwort*), e republicada em 1949 com uma introdução (*Einleitung*).

4 Do original: “*Das Dasein des Menschen ist in ‘dieses’ Nichts, in das ganz andere zum Seienden hinein gehalten*”.

5 Do original: “*Der Mensch ist der Platzhalter des Nichts*”.

6 Do original: “[...] dass das Sein nie West ohne das Seiende, dass niemals ein Seiendes ist ohne das Sein”.

obra do homem, em cujo seio, porém, todo ente, inclusive nós mesmos, estamos e existimos de modo finito e limitado – essa experiência, essencialmente temporal, nos é proporcionada na angústia. Esta não pode ser considerada apenas como um afeto ou estado psicológico opressivo, mas como um existenciário encontrar-se, estar-disposto, no qual se produz uma muda enunciação misteriosamente desveladora: “Somente o homem entre todos os entes, concitado pela voz do Ser, faz a experiência do milagre de todos os milagres: *que o ente é*”⁷ (Heidegger, 1978, p.307).

Essa mesma experiência é retomada nas *Contribuições à Filosofia*, desta vez sob a égide do conceito de *Ereignis* (Acontecimento Apropriador), em cujo âmbito filosófico pode-se dizer que se perfaz a *Kehre* – a vira-volta – do primeiro para o segundo Heidegger. Aqui, dá-se a realização completa do trânsito que leva da ontologia fenomenológica de *Ser e Tempo*, pensada como analítica da finitude, no horizonte da temporalidade do Dasein, para a história da verdade do Ser (*Seyn*), pensada já no limiar da superação da metafísica, no elemento da temporaneidade do Ser, na qual este pode ser experimentado no elemento do *Ereignis*. Assim, Ser não é senão essênciação (*Wesung*): “Isto é a essênciação do próprio Ser. Nós a denominamos o *Acontecimento Apropriador*”. (Heidegger, 1989, p. 07.).

A palavra *Ereignis* remete a um extrato profundo do idioma alemão; *Ereignis* deriva do gótico *áugan* e do mhd⁸. *Ougen* (*ouge, Auge*), de onde provêm *ereugen, er-äugen, er-blicken, “im Blicken zu sich rufen, an-eignen”* (trazer à vista, apropriar-se). Para manter essa ressonância, traduz-se *Ereignis* por *acontecimento apropriador*, designando um advento que vinca uma época da história, conferindo-lhe uma propriedade essencial (*Eigenschaft*) e um sentido para o modo como os entes, em sua totalidade, existem no mundo. O acontecimento apropriador confere, então, sentido a uma era do mundo (*Weltgeschick*), pensada como um destinamento, um desvelamento da essência dos entes em sua verdade (*alétheia*). É nessa acepção que Heidegger interpreta a metafísica como história do Ser ou antes como história do esquecimento da verdade do Ser. (Heidegger, 1961, p. 399-458).

O acontecimento apropriador pertence, portanto, à essência do Ser (*Seyn*), na medida em que é explicitamente equiparado à mesma. O acontecimento apropriador, como ocultação iluminadora (*lichtende Verbergung*), é o elemento revelador da

7 Do original: “Einzig der Mensch unter allem Seienden erfährt, angerufen von der Stimme des Seins, das Wunder aller Wunder: *daß Seiendes ist*”.

8 *Mittelhochdeutsch*: médio alto alemão, a saber, o idioma alemão não dialetal (*Hochdeutsch*) entre o período antigo e contemporâneo de sua história.

pertença essencial entre Ser e Nada, entre desvelamento e retração subtrativa, do acontecer que deixa surgir os entes na clareira do Ser. Neste dar-se que, como tal, oculta-se a dádiva, acontecem os destinamentos do Ser em seus momentos epocais, deixando vibrar o chamamento e a vocação aos quais corresponde o *Logos* filosófico e poético, dispondo o pensamento a serviço da linguagem, ao refletir e enunciar a verdade (*alétheia*) do Ser na história (*Geschichte*).

Na conferência intitulada *Tempo e Ser* (1962) – um marco no tratamento da questão que nos ocupa –, podemos ler:

O ser, pensá-lo propriamente, exige que se afastem os olhos do ser na medida em que, como em toda metafísica, é explorado e explicitado apenas a partir do ente e em função deste, como seu fundamento. Pensar o ser propriamente exige que se abandone o ser como fundamento do ente a favor do dar que joga velado no desvelar, isto é, em favor do dá-Se. Ser, como dom deste dá-Se, faz parte do dar-se. Ser enquanto dom não é expulso do dar. Ser, pre-s-ença é transformado. Como presentificar faz parte do desocultar, permanece incluído no dar como seu dom. Ser não é. Ser dá-Se como o desocultar do pre-s-entar (Heidegger, 1999, p. 254).

Destaco, nessa passagem, dois aspectos que considero de fundamental relevância: em primeiro lugar, o Ser como Dar-Se instancia-se como Presença (*Anwesen, Anwesenheit*) –, portanto, em ligação essencial com o tempo; não, porém, em referência ao tempo considerado como horizonte transcendental do existir humano (*Dasein*), tal como tematizado em *Ser e Tempo*. Uma vez consumada a *Kehre*, a temporalidade surge agora como própria e originária do Ser. Desta mesma modificação, encarregam-se os *Beiträge*, e neles adquire a centralidade o pensamento do *Ereignis*, culminância da superação da metafísica por Heidegger. Como é sabido, o subtítulo daquela obra é nada menos que: *vom Ereignis*. O tempo, que constitui aqui o núcleo da reflexão, é o tempo autêntico, ou o tempo-espaço, de que trata a conferência *Tempo e Ser*.

A Presença (*Anwesenheit*), que é a própria dicção do Ser como Dar-Se, é a confluência de Passado, Futuro e Presente (*Gegenwart*), co-incidência na qual o *não mais* presente – o que foi – continua, de alguma forma, mantido como presente na ausência; de igual modo, o futuro – o *ainda não* presente –, torna-se presenteado como antecipação de uma presença, de maneira que o presente como dimensão temporal do tempo autêntico (*Gegenwart*) abriga em si uma ausência positiva, uma retração que se manifesta tanto na *recusa* de atualidade ao passado quanto na reserva antecipatória de presença para o futuro. *Anwesen* equivale a essencializar que, por sua vez, é igual a mostra-

se como *Dar-Se*, e se constitui, portanto, como unidade integradora de tempo e ser, na qual as três dimensões temporais, passado, presente e futuro, remetem uma à outra e mutuamente se implicam, num jogo que Heidegger denomina *Zuspiel*, jogo no qual essas dimensões se fundem na temporaneidade originária do Ser.

Ocorre aqui uma reviravolta na concepção da tridimensionalidade do tempo, que tem origem na representação tradicional do espaço. Na perspectiva de *Tempo e Ser*, o tempo é *quadridimensional*, pois na unidade originária do Dar-Se as três dimensões do presente, passado e futuro são integradas e reunidas. Além disso, a noção de *espaço de tempo* – como distância mensurável entre dois “agoras” ou dois presentes – exige ser inteiramente repensada a partir da abertura que constitui o tempo autêntico: esse tempo é o Aberto, um remeter-se e alcançar-se recíproco de presente, passado e futuro num Dar-Se, num Ofertar-se – que é pré-espacial e só ele funda propriamente o espaço, isto é, o âmbito no qual pode Dar-Se Ser como Presença.

Mas a partir de onde se determina agora a unidade das três dimensões do tempo autêntico, quer dizer, de seus três modos de alcançar o presentar que a cada um é próprio, sendo reciprocamente enviscerados? Já ouvimos: Tanto no advento do ainda-não-presente, como no que foi do não-mais-presente, e, mesmo no próprio presente, sempre estão em jogo uma espécie de abordagem e um trazer para, isto é, presentar. Não podemos, evidentemente, atribuir este presentar, a ser assim pensado, a uma das três dimensões do tempo, a saber –o que parece óbvio – ao presente. Esta unidade das três dimensões repousa, muito antes, no proporcionar-se cada uma à outra. Este proporcionar-se mostra-se como o autêntico no alcançar que impera no que é próprio do tempo, portanto, como uma espécie de quarta dimensão. Não apenas uma espécie, mas uma dimensão efetivamente real. O tempo é quadridimensional (Heidegger, 1999, p. 261).

Há que se considerar, então, em segundo lugar, que nesse Aberto do desvelamento coloca-se o homem, como o destinatário do Dar-Se que Se envia, como aquele que é alcançado pelo destinamento. Nesse alcançar e no corresponder a ele, manifesta-se, portanto, a essência do homem. Na passagem da analítica do Ex-Sistir humano para a história da verdade do Ser, não é mais a temporalidade do Dasein que descortina o Dar-se do Ser, senão que é na *Temporalität*, na clareira quadridimensional de tempo-espaço que se instanciam as épocas da história da verdade (*alétheia*) do Ser. É na clareira (*Lichtung*) dessa história que irrompem, na forma do acontecimento apropriador, os destinamentos de Ser – *Geschick* –, e aí alcançam seu destinatário, o ser humano.

Quando [...] se fala de pré-s-entar, exige-se que percebamos, no demorar enquanto aproximar-se pelo durar, o permanecer e o durar permanecendo.

Presentar se aproxima de nós; presente quer dizer: demorar-se ao nosso encontro, ao encontro de nós, os homens. Quem somos nós? Continuamos cautelosos com a resposta. Pois a situação poderia ser tal que se determinasse o que caracteriza o homem enquanto homem, justamente, a partir daquilo que agora devemos considerar: o homem abordado pela presença, o qual, a partir de tal abordagem, se apresenta, ele mesmo, à sua maneira, a tudo que se apresenta e ausenta [...]. O homem está postado de tal modo, no interior da abordagem pela presença, que recebe como dom o apresentar que dá-Se, enquanto percebe aquilo que aparece no presenti-ficar. Não fosse o homem o constante destinatário do dom que brota do ‘dá-Se-presença’, não alcançaria o homem aquilo que é alcançado no dom, nesse caso o ser não apenas ficaria na ausência deste dom, nem apenas também fechado, mas o homem permaneceria excluído do âmbito e do alcance do: dá-Se ser. O homem não seria homem (Heidegger, 1999, p. 259).

Na descrição do tempo-espaço, adquire notável relevância semântica a acepção de *íntima proximidade*, do vir-ao-encontro-de e estar-junto-a, expressa na preposição “an” (declinando tanto no dativo e quanto no acusativo). A propósito do sentido originário e essencial dessa preposição, Heidegger já havia observado em *Ser e Tempo* que “em alemão, *in* provém *innan* = morar, *habitare*, demorar-se em; ‘an’ significa estou acostumado, familiarizado com, cuidado de algo, tendo a significação de *colo*, no sentido de *habito* e *diligo*” (Heidegger, 2012, p. 173). É dessa constelação de sentido que o verbo “*angehen*” e o substantivo *Angang* extraem sua significação originária. Neste horizonte hermenêutico, ao qual deve ser referida a passagem há pouco citada, adquire especial relevância também os verbo *reichen* (alcançar, estender) e *angehen* (importar, concernir).

Reichen e *angehen* compartilham um núcleo semântico que implica um movimento de dirigir-se para junto de, endereçar-se, mas sobretudo também de dizer respeito a, concernir, importar, alcançar; por sua vez, o substantivo *angang*, também presente, com idêntico peso, no mesmo contexto, é traduzido para o português por Ernildo Stein como “abordagem”. Como quer que seja, o tempo-espaço apresenta-se como o *Aberto*, no qual dá-Se um vir ao encontro um do outro, um endereçar-se, alcançar-se reciprocamente e imbricar-se mútuo de presente, passado e futuro sob a égide da pré-Sença: *Anwesenheit* – essênciação.

Anwesenheit, por sua vez, como fica indicado pela preposição “an”, é uma essênciação como presença voltada para, endereçada ao homem e que o alcança, sendo também por ele alcançada; o homem é, portanto, o concernido, o abordado (*der Angegangene*); mas também, ele mesmo, o *Anwesende* (o que está presente) para e em toda presença e ausência daquilo que, a cada vez, se essência; o concernido e concitado, que – ele próprio – é ou existe a partir desse concernimento ou dessa abordagem.

É nesse contexto que caberia rememorar o sentido de existência em Heidegger tal como pensado na Introdução a *Que é Metafísica?*, de 1949: existência é o modo de ser daquele ente (o homem) que está aberto para a abertura do Ser, na qual está situado, enquanto a sustenta. Nessa acepção peculiar, somente o homem existe.

O rochedo é, mas não existe. A árvore é, mas não existe. O anjo é, mas não existe. Deus é, mas não existe. A frase: ‘o homem existe’ de modo nenhum significa apenas que o homem é um ente real, e que todos os entes restantes são irreais e apenas uma aparência ou a representação do homem. A frase ‘o homem existe’ significa: o homem é aquele ente cujo ser é assinalado pela in-sistência ex-sistente no desvelamento do ser a partir do ser e no ser (Heidegger, 1973a, p. 257).

Portanto, nem Ser nem Tempo *são*; Ser dá-Se e Tempo propicia, destina, deixa ser; tempo é a instância quadridimensional dos destinamentos do Ser como Presença, que tanto é unidade de Presente (*Gegenwart*), Passado e Futuro, quanto recusa de presença e contenção antecipatória da mesma; portanto, também essencialmente ausência, negatividade, retraimento, subtração, recolhimento do Doar na Dádiva, velamento na desocultação (*alétheia*), *Enteignen* no *Ereignen*. Ser e Tempo, Tempo e Ser desaparecem no *Ereignis*. A meu ver, essa é a dimensão fundamental da *Kehre* do primeiro para o segundo Heidegger.

Por isso não se pode confundir *Ereignis* com nenhum *Geschehnis* – com um evento entitativo, no sentido de um acontecimento empírico, um fato ou série de fatos. *Ereignis* é, em sua essência, um *Sach-Verhalt*⁹. O verbo *halten* significa manter, sustentar, suportar, firmar. Com a palavra *Sachverhalt*, a linguagem pensa o relacionamento ou a relação (*Verhalt, verhalten*) que custodia, mantém e suporta duas coisas, Ser e Tempo como *Sache*. Mas a relação, nesse caso, de modo algum vincula duas coisas ou realidades pré-existentes à própria relação: Tempo e Ser, Ser e Tempo dão-Se, ou seja, somente *são*, na medida em que são postos e sustentados pelo *Sach-Verhalt*, pela relação que neles se dá e se desdobra em sua mútua recorrência: esse vir à luz é *Ereignis* – acontecimento apropriador.

Pois o ocultar-se dessa clareira (*Lichtung*), a distância da indiscernibilidade (*Unentscheidbarkeit*) não é nenhum mero vazio, presente (*vorhanden*) e indiferente, mas a essenciação (*Wesung*) do acontecimento apropriador como essência do acontecimento apropriador, da hesitante retração (*Versagung*), na qual, como pertença obediente (*zugehörig*) já acontece, dá-se (*sich ereignet*), o Ser-Aí. Na essência da verdade do acontecimento apropriador decide-se e funda-se, ao mesmo tempo, tudo o que é verdadeiro, o ente torna-se entidade, o

9 Vertido na tradução brasileira de Ernildo Stein como estado de coisas.

não ente desliza no aparecer (Anschein) do Ser (Seyn) (Da-Sein) (Heidegger, 1973a, p. 23)¹⁰.

É no *Ereignis*, portanto, como latente ilatência, que Ser e Ser-O-Aí mostram-se inseparavelmente coligados, no Nada, na auscultação obediente à Voz do Ser. O Ser vige, então, como o acontecimento apropriador. A verdade acontece como a ocultação iluminadora. A estrutura fundamental desse acontecer é o Tempo-Espaço que dele emerge. Essa conjunção (*Fügung*) da verdade do Ser com a essência do homem é também essencialmente *Sachverhalt*: o instante emergencial (*AugenblicksStätte*) do acontecimento apropriador. *Ereignis*, como *Sach-Ver-halt*, dá-Se na retração e no ocultar-se revelador que, enquanto tais, ficam encobertos na essenciação que emerge na clareira do Ser, na qual Ser e ente, Ser e Ser-O-Aí mostram-se inseparavelmente coligados – portanto, também na experiência de uma negatividade mais originária que a negação lógica, como aquela do Nada experimentado na disposição de angústia.

Essa conjunção, pois, tanto pertence como também constitui e depende essencialmente do acontecimento apropriador. É no Tempo-Espaço que se dá a fundação da verdade do Ser, mas também se mantém a Retração (*Entzug*) do não-acontecer-apropriador (*Enteignis*). Na acontecência do Ser como *Ereignis*, dá-Se também o não-acontecer. Portanto, perde-se a essência do *Ereignisse*, quando este é pensado ônticamente como ‘algo’, como um acontecimento na ordem dos fatos e no curso do mundo. “O *Ereignis* nem é, nem se dá. Dizer um como o outro significa uma distorção do estado de coisas, como se quiséssemos fazer a fonte derivar do rio” (Heidegger, 1999, p. 268).

Nesse horizonte, o *Dasein* aparece, portanto, como a instância intermediária (*Zwischenbereich*) entre o ente e o Ser, instância que indicia tanto o aparecer como também o recolher-se subtrativo do Ser (*Verweigerung des Seins*); papel esse que se torna também reconhecível, ao mesmo tempo, na meditação sobre a essenciação do acontecimento apropriador.

O Ser vige como acontecimento apropriador da fundação no aí (*Ereignis der Dagründung*); abreviadamente: como *acontecimento apropriador* [...] Acontecimento apropriador da fundação no aí quer ser pensado como genitivo objetivo, o aí (*das Da*), a essenciação da verdade em sua fundação (o que é mais

10 Do original: “Denn das Sichverbergende dieser Lichtung, die Ferne der Unentscheidbarkeit, ist keine bloße vorhandene und gleichgültige Leere, sondern die Wesung des Ereignisses als Wesen des Ereignisses, der zögernden Versagung, die sich als zugehörig schon ereignet das Da-sein. Im Wesen der Wahrheit des Ereignisses entscheidet sich und gründet sich gleichzeitig alles Wahre, wird Seiendes seiend, gleitet das Unseiende in den Anschein des Seyns”.

originário do *Ser-O-Aí*) torna-se acontecido (*wirder-eignet*), a *fundação, ela mesma, ilumina o ocultar-se*, o Acontecimento apropriador. *A vira-volta é a pertença da verdade (clareira do ocultar-se) à essência do Ser* (Heidegger, 1999, p. 268).

O acontecimento apropriador convoca o ser do *Ser-O-aí* para si mesmo, isto é, para o seu permanecer no interior da desocultação do Ser, da verdade em sua fundação. O mais originário *Aí (Da) do ser* torna-se, então, acontecimento, acontecência, e a própria fundação *ilumina o ocultar-se* do ser em seu (des)velamento: acontecimento apropriador. A essenciação do Ser é, portanto, também o acontecer fundador do *Aí*, ao qual pertence essencialmente o próprio *Ser-O-Aí*. Nesse mesmo sentido, na medida em que a essenciação é o acontecimento apropriador, este vige como *Dagründung*, isto é, como fundação do *Aí*, estabelece-se com isso uma relação essencial entre o acontecimento apropriador e o *Dasein* (*Ser-O-Aí*) em sua pertença (*Zugehörigkeit*) à clareira do Ser.

Se atentarmos para essa acepção de *Ereignis* como acontecimento apropriador da fundação do *Aí*, percebemos como as *Contribuições à Filosofia* perfazem o caminho do pensamento que conduz à *Kehre*. Sobre esse ponto, Heidegger se manifesta num texto de 1936, retomando a tarefa interrompida quando da publicação de *Ser e Tempo*:

A conferência *Sobre a Essência da Verdade*, pensada e levada a público em 1930, mas apenas impressa em 1943, oferece uma certa perspectiva sobre o pensamento da vira-volta de *Ser e Tempo* para *Tempo e Ser*. Essa vira-volta não é uma mudança do ponto de vista de *Ser e Tempo*; mas, nessa vira-volta, o pensar ousado alcança o lugar do âmbito a partir do qual *Ser e Tempo* foi compreendido e, na verdade, compreendido a partir da experiência fundamental do esquecimento do ser (Heidegger, 1973b, p. 354).

O fio vermelho que entretetece as reflexões de Heidegger sobre a vira-volta e o conceito de *história da verdade (alétehia) do Ser*, que atualiza a destruição interna da metafísica, para retomar a pergunta originária pelo sentido do Ser, é a conversão de *Ser e Tempo* para *Tempo e Ser*, já anunciada como parte integrante da analítica da finitude. Por ela, o pensamento de Heidegger desloca, sem abandoná-lo por completo, o apoio fundado no *Ser-O-Aí* para remeter à essenciação do Ser (ao acontecimento apropriador), invertendo seu sentido inicial: parte agora do próprio Ser, em sua verdade ou desvelamento na história, para incluir nela uma reflexão sobre a essência do *Dasein* humano, pensada como correspondência ao apelo do Ser e abertura para essa convocação. O Tempo-Espaço ou a temporaneidade que transcende a ex-sistência do *Dasein*, no sentido de que não se limita a ela, é originária do Ser. Esse *tempo do Ser*

assume a forma do acontecer (*Geschehen*); do acontecimento apropriador (*Ereignis*) que é também destinação; a palavra adequada para essa temporalidade destinal é *história* (*Geschichte*).

No destinar do destino do ser, no alcançar do tempo, mostra-se um apropriar-se, trans-propriadar-se do ser como presença e do tempo como âmbito do aberto, no interior daquilo que lhes é próprio. Aquilo que determina ambos, tempo e ser, o lugar que lhes é próprio, denominamos: *das Ereignis* (o acontecimento-apropriação). O que nomeia esta palavra somente podemos pensar agora a partir daquilo que se manifesta na vista prévia sobre o ser e sobre o tempo como destino e alcançar, onde é o lugar de tempo e ser (Heidegger, 1973c, p. 465).

Esse é o sentido as imagens poéticas às quais Heidegger liga tais noções: linguagem (*lógos*), em sua determinação (*Bestimmung*) é desvelamento. Metaforicamente, ela pode figurar como a clareira em que se mostra a essência dos entes que se tornam fenômenos para o *Dasein*, seu curador. A linguagem é, portanto, a “casa do Ser”, e o homem é o ente habita po(i)eticamente essa morada. Ex-sistir é *corresponder* languageiramente ao chamamento do Ser, pertencer ao descerrar-se do Ser nos entes. O Ser acontece em seus adventos, mas não se confunde com eles. Para que haja um desvelar – uma *alétheia* –, é primeiro necessário um estar oculto; não há desvelo sem velamento anterior. Nada é doado que antes não se mantenha subtraído. Há que se pensar uma interpenetração entre Ser e Nada – Ser é *nada de ente*, entidade nenhuma da qual se possa predicar uma propriedade qualquer; é antes o vazio da abertura imponderável a *partir do qual* vem a ser mesmo o gesto mais fugaz. O Ser desvela os entes no modo de ser que é próprio deles, ao mesmo tempo em que se subtrai, furta-se tanto ao desvelamento quanto no que nele é desvelado.

O que resta dizer? Apenas isto: O *Ereignis* acontece-apropria. Com isso dizemos a partir do mesmo, para o mesmo, o mesmo. Aparentemente, isto não diz nada. Realmente não diz nada enquanto ouvirmos o que foi dito como uma simples enunciação, proposição, e o entregarmos ao interrogatório da lógica. Que sucederia, porém, se assumíssemos incansavelmente o que foi, como fulcro para a reflexão, e com isso refletíssemos sobre o fato de que este *mesmo* nem chega a ser algo de novo, mas é o mais antigo da Antiguidade do pensamento ocidental. O originariamente antigo que se oculta no nome de *Alétheia*? (*Alétheia*). Através daquilo que é predito por este mais originário de todos os *leitmotive* do pensamento, fala um laço – laço que liga todo pensamento, admitindo-se que se submeta ao apelo do que deve ser pensado (Heidegger, 1973c, p. 468).

Se tudo o que foi dito ainda permanece insuficiente, isso talvez ocorra porque o que Heidegger procurou pensar como *Ereignis* – isto é, o Ser sem o ente, pensar o ser sem levar em consideração determinante a metafísica – talvez não possa mesmo ser dito

em termos de proposições e sentenças declarativas. Esse é o paradoxo incontornável que cerca a conferência *Tempo e Ser*: nela tentou-se dizer o que foi pensado a esse respeito como asserções e enunciados. Ora, para desespero das análises lógicas da linguagem, daí não pode resultar senão um dizer necessariamente insatisfatório.

Referências bibliográficas

Heidegger, M. (1961). *Die Metaphysik als Geschichte des Seins*. In: *Nietzsche*. 2 Bände. Pfullingen: Verlag Günther Neske.

Heidegger, M. (1973a). *Que é Metafísica?*. Introdução. Trad. Ernildo Stein. In: *Coleção Os Pensadores*, 1ª. Edição. São Paulo: Abril Cultural, 1973a.

Heidegger, M. (1973b). *Sobre o 'Humanismo'*. Trad. Ernildo Stein. In: *Obras Escolhidas*, 1ª Ed. *Coleção Os Pensadores*, São Paulo: Abril Cultural, 1973a.

Heidegger, M. (1973c). *Tempo e Ser*. Trad. Ernildo Stein. In: *Coleção Os Pensadores*. 1ª. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1973b.

Heidegger, M. (1978). *Wegmarken. Gesamtausgabe*. In: Band 9. Frankfurt/M: Vittorio Klostermann Verlag.

Heidegger, M. (1989). *Beiträge zur Philosophie. Vom Ereignis*. In: *Gesamtausgabe Band 65*. Frankfurt/M: Vittorio Klostermann Verlag.

Heidegger, M. *Tempo e Ser*. (1999). Trad. Ernildo Stein. In: *Martin Heidegger. Conferências e Escritos Filosóficos*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

Heidegger, M. (2012). *Ser e Tempo*. Trad. Fausto Castilho. Campinas; Petrópolis: Ed. Unicamp: Ed. Vozes, 2012.